

Dossiê *Filosofia e imagens e educação****Renata Pereira Lima Aspís***

Professora da Universidade Federal de Minas Gerais

Rita Márcia Magalhães Furtado

Professora da Universidade Federal de Goiás

Sônia Campaner Miguel Ferrari

Professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Se podemos pensar as imagens como não sendo mera reprodução do mundo em formas diversas – como descrição, contos, diálogos, retratos, representação teatral, pictural e sonora –, vale iniciar uma discussão filosófica tendo como objeto essa atividade humana. Parece relevante nos perguntarmos sobre as formas de aparição de tais imagens, suas características, já que elas estão presentes em todas as atividades realizadas por nós, desde a forma de nos apresentarmos, de nos expressarmos e de pensarmos. Em seus *Ensaíos*, Montaigne diz que ao escrever sobre si mesmo, ele “pinta” a si mesmo, estabelecendo assim uma relação entre a escrita e a pintura. Da mesma maneira, quadros, poemas e romances, como os de Cervantes e Machado de Assis, mimetizam acontecimentos. Há nesses textos, assim como em obras plásticas, um jogo no qual se vai do sonho de uma relação imediata dos signos da obra com a realidade, até o abismamento da representação, um jogo entre realidade e ficção que acaba por confundir realidade e representação. Na filosofia temos o exemplo clássico de Descartes, que em suas *Meditações* procura o critério para distinguir sonho e

realidade. Michel Foucault e Nietzsche nos levam a pensar na possibilidade de uma estética da existência, da criação para si de uma vida como obra de arte. Gilles Deleuze explora a imagem, no cinema, como forma de pensamento. Tantas são as possibilidades de conectar filosofia e imagem.

O objetivo dessa problematização é o de nos alertar para o cuidado de não confundirmos a imagem pintada, o relato narrativo ou a ideia com aquilo que elas representam, pois se elas podem não ser apenas um duplo da realidade, somos levados a nos questionar: qual poderia, então, ser seu papel? E, além disso, nos aproximando do tema proposto neste dossiê: qual o papel dessa discussão na educação? Num mundo onde tudo se tornou imagem, nos parece da maior importância investigar filosoficamente as conexões entre imagens e educação. As imagens-*marketing* compõem os desejos capturados por esse capitalismo que já traz prontos os mundos e seus sentidos. Essas imagens das propagandas, que assaltaram o mundo e já assumiram o status de arte, impregnam tudo – os sentidos, os raciocínios, a imagem, a imaginação... Elas educam. Ora, se é mesmo assim, em que medida e de que modo interessa investigar as relações possíveis entre filosofia e imagem e educação? É a questão que propõe este dossiê.

Rogério de Almeida e Marcos Beccari, no artigo *A expressão do real: estética e hermenêutica das imagens*, discutem a relação entre a imagem e o real de maneira a enfatizar a relação de

complementaridade entre eles. Inserem-se dessa forma na discussão tradicional iniciada por Platão e Aristóteles, para quem a imagem ocupava um grau inferior em relação a outras formas de conhecimento. Porém, pensadores como Gilles Deleuze e Gilbert Durand recolocam a discussão sobre o estatuto da imagem e da imaginação em outros termos: imaginação e imagem, na visão do autor, não se opõem à realidade, mas constituem aspectos dessa mesma realidade, e, além disso, não são inferiores ao raciocínio lógico, mas têm poder cognitivo.

Ana Godinho, na sua contribuição, intitulada *Imagem sem imagens*, nos brinda, desde Portugal, com a ideia de uma imagem sem imagens, que seria a conexão entre o não saber e o saber, na aprendizagem. “As artes como as aprendizagens em geral são incansáveis a criar estas imagens”. Trata-se de uma entusiasmante provocação, a partir de conceitos de Deleuze, para pensar quais são as forças que atravessam essas imagens e quais forças específicas advêm delas e as desencadeiam no seu envolvimento com a aprendizagem.

Já Cayo Honorato, em seu artigo *Políticas do imaginário: história, educação e cultura visual*, aborda o conceito de imagem detectando que tal conceito comumente se insere, quando no ensino de artes visuais, no âmbito do predomínio das visualidades, negando a historicidade destas. Retomando o pensamento de Serge Gruzinski, que analisa as iconoclastias indígena e cristã, o autor analisa o processo de

apropriação e mutação dessas imagens, e atribui ao imaginário a possibilidade política de inserção destas nas visualidades contemporâneas.

Ricardo Nascimento Fabbrini problematiza em seu artigo *O que está acontecendo com as imagens?: arte, mídia e educação em Jean Baudrillard*, a função das imagens. Por vivermos num mundo em que a imagem conquistou um lugar de grande relevância – há um excesso de imagens à nossa volta –, a discussão sobre as imagens a partir de Baudrillard pergunta sobre a possibilidade de se produzir imagens passíveis de tocar o público, de fazê-lo mover-se, indignar-se. Estamos já tão acostumados com elas que muitas vezes passamos por elas sem nos darmos conta. A essas imagens Baudrillard chama de “simulacros”, e Deleuze de clichê. O que já nos indica que a uma proliferação de imagens no mundo contemporâneo não se segue uma abertura maior do público para desvendar o seu sentido. Para investigar a possibilidade de imagens que façam pensar, o autor analisa algumas imagens – fotografias e videoinstalações –, e podemos dizer que encontra como Nietzsche, essa possibilidade na vida, em tudo aquilo que sugere resistência à dominação.

Em *Disrupção subjetiva e crítica social: surrealismo e imagens de pensamento benjaminianas*, Francisco De Ambrosis Pinheiro Machado, vem para contribuir na reflexão sobre uma prática educacional que leve em conta um possível papel crítico da imagem em nossa sociedade, esta, caracterizada por uma produção imagética

em massa, baseada em interesses comerciais, para o consumo passivo. Por meio de um saboroso passeio por preocupações e produções surrealistas de Walter Benjamin, o artigo conecta o conceito de disrupção com o universo educacional, ao encontro com o pensamento crítico.

No artigo intitulado *Imagens em movimento e representações: desembrulhando imaginários coloniais*, Ema Pires e Eduardo Esperança relatam a recepção, por um grupo de estudantes, das imagens fílmicas de uma viagem ministerial portuguesa, em 1952, às colônias portuguesas da Ásia e do Pacífico. Para além da análise dos elementos ideológicos representativos do Estado Novo Português, a discussão dos autores se dá em torno do paradoxo da imagem como representação do imaginário do colonizador e do imaginário do colonizado, e dos elementos que permeiam o imaginário pós-colonial, evidenciando que o problema essencial da imagem se situa no nível de determinação de sentido que lhe é atribuída num determinado momento social.

Nesse sentido, diante das inúmeras possibilidades conceituais suscitadas pelos autores que compõem este dossiê, convém atentarmos para o fato de que tais imagens, existindo, são legitimadas de acordo com o contexto no qual são visualizadas. Essa reconfiguração constante desse novo modo de lidar com as imagens – que incide diretamente tanto nos processos de criação artística quanto em sua recepção –, aponta para a inconstância e a fluidez que

se expande em todas as dimensões do modo de vida coletivo na contemporaneidade. Trata-se aqui, então, de abordar o debate acerca da imagem – sobretudo das imagens da arte –, e refletir sobre o sentido do pensamento estético na concepção dos conceitos de sensível e de inteligível nos modos de visibilidade contemporâneos. Trata-se ainda de pensar as implicações disso para o debate educacional atual no que tange ao processo de formação e autoformação, que apontam para uma reflexão acerca do papel da filosofia da educação nesse novo contexto.